

A paz de Nkomati

Nkomati, cujo significado é «o lugar onde o gado vai beber água», é uma palavra que vai ficar na História. O Presidente Samora Machel e o Primeiro-Ministro da África do Sul, Pieter Botha, vão ali assinar o acordo de Boa Vizinhança e Não-Agressão em nome dos seus Estados.

Por analogia de imagens, vai-se a Nkomati beber a paz.

Num compromisso que o mundo e em particular os povos de Moçambique e da África do Sul vão testemunhar, os Estados de Moçambique e da África do Sul vão assumir a responsabilidade de pôr termo a todas as formas que possam implicar actos de violência e agressão de um dos países contra o outro.

Trata-se, sem dúvida, de um acto de grande solenidade. Mas ele reveste-se, igualmente de um conteúdo que implica e personaliza decisões soberanas, independentes. Decisões que acima de

tudo envolvem e reafirmam o respeito e a implementação de leis que regem o relacionamento entre povos e nações.

É um acordo que diz respeito unicamente ao relacionamento, como vizinhos, de Moçambique e da África do Sul. Ele não aborda; nem procura encontrar soluções e medidas para os problemas internos de cada um dos países, se forem estranhos a este relacionamento entre dois Estados vizinhos.

As opções políticas para o desenvolvimento económico de cada um dos países, ou a forma como cada um dos Estados se relaciona com outros Estados é uma questão inteiramente dependente das decisões de cada um dos governos e povos. Ficam assim demarcadas, de forma clara, as questões nacionais de moçambicanos e sul-africanos.

No plano prático este Acordo põe fim a duas décadas de anos

de agressões externas contra o Povo moçambicano. Iniciadas em 1964, elas mantiveram-se durante a fase de procura de uma solução para o problema rodesiano e, agora, personalizavam-se na desestabilização armada e económica contra a República Popular de Moçambique.

Mas, o Acordo que agora se assina também vai significar uma maior distensão para a África Austral. Isto porque pela sua posição geo-estratégica Moçambique influencia e, até certo ponto, condiciona a estabilidade económica dos Estados que não têm acesso ao mar.

O papel de Moçambique nesta região do Continente Africano não é meramente político. A sua instabilidade afecta outras economias, da mesma forma que o seu desenvolvimento e bem-estar podem agir como elemento accionador da riqueza entre os seus vizinhos.



Para a África do Sul este acordo terá certamente um significado que é, à partida, bastante mais complexo de analisar.

A água de Nkomati vai aliviar a psicose da ameaça de guerra que se vinha instalando no seio duma economia que, por ser mais desenvolvida e sofisticada, também se ressentia e desgasta a um ritmo mais rápido que as restantes da África Austral. O clima de satisfação com a perspectiva de «um regresso aos camarões» de Moçambique, é disso prova.

Em Moçambique, a África do Sul também vai poder encontrar soluções mais rentáveis para a sua economia de exportação. Porque, o desvio das mercadorias do porto de Maputo não tiveram apenas repercussões sobre Moçambique. Essa decisão política contrariava, como o provam os números sobre os custos dos transportes no interior da África

do Sul, o desenvolvimento da agricultura e da exportação de minerais sul-africanos.

No entanto, é talvez na inter-rogação que muitos sul-africanos brancos começam a colocar a si próprios, onde o Acordo de Nkomati pode vir a produzir os seus resultados mais frutuozos. Com maior abertura e sem complexos, muitos sul-africanos perguntam se este não será o momento que o regime no Poder deve aproveitar para seriamente procurar encontrar saídas para o problema do «apartheid».

Esta atitude evidencia a consciência de que é a institucionalização da discriminação racial o principal gerador da violência dentro e fora da África do Sul. É a reacção natural de quem sente que Nkomati ainda não vai

resolver tudo, não vai significar para todos os sul-africanos aquilo que significará, a partir do dia 16 de Março, para todos os moçambicanos.

Nkomati está já a provocar esta resposta positiva, depois de ter provado que estavam errados os que advogavam o adiamento das soluções através da política de desestabilização.

E, é esta a lição que o rio pode trazer não só para a África Austral, mas para o mundo. Porque, ao fim e ao cabo, o gado que bebe a água do Nkomati, do lado moçambicano e do lado sul-africano, não se separa em cores para resolver o problema da sua sede. Poderá o significado de Nkomati ter esta magia sobre a África do Sul?

Alves Gomes